

# onde o desejo se esconde

nora roberts

Tradução de Isabel C. Penteado

*Para Amy Berkower, com gratidão e afeto*



## PRÓLOGO

— E O QUE GOSTARIA que eu lhe fizesse? — perguntou a mulher que se autodenominava Desiree. A sua voz era como pétalas de rosa. Suave e doce. Ela fazia muito bem o seu trabalho e os clientes estavam constantemente a solicitá-la. Estava naquele momento a falar com um dos seus clientes habituais e conhecia as suas preferências. — Adorava — murmurou ela. — Feche os olhos. Feche os olhos e relaxe. Quero que esqueça o escritório, a sua mulher e o seu sócio. Agora somos só os dois.

Quando ele lhe falou, ela respondeu com uma gargalhada baixa. — Sim, sabe que o farei. Não faço sempre? Feche os olhos e escute. O quarto está em silêncio e iluminado por velas. Dezenas de velas brancas aromáticas. Consegue sentir-lhes o cheiro? — Deu mais uma gargalhada baixa e provocante. — Exatamente. Brancas. A cama também é branca; grande, redonda e branca. Está deitado nela, nu e pronto. Está pronto, Sr. Drake?

Desiree revirou os olhos. Achava absurdo o sujeito querer que o tratasse por senhor. Mas havia gostos para tudo. — Acabei de sair do duche. Tenho o cabelo molhado e o corpo cheio de gotículas de água. Tenho uma gota suspensa no mamilo, que desliza e cai sobre si quando me ajoelho na cama. Está a sentir? Sim, sim, exatamente. É fria, muito fria, e o senhor está tão quente. — Reprimiu um bocejo. O Sr. Drake já ofegava como um motor a vapor. Graças a Deus, era muito fácil de satis-

fazer. — Oh, eu desejo-o. Não consigo tirar as mãos de cima de si. Quero tocar-lhe, saboreá-lo. Sim, sim, fico louca quando me faz isso. Oh, o Sr. Drake é o máximo. O máximo.

Durante os minutos seguintes, ela limitou-se a ouvir as exigências e os deleites do cliente. Ouvir representava a maior parte do seu trabalho. Ele estava prestes a atingir o clímax e ela olhou, grata, para o relógio. Não só o tempo dele estava a esgotar-se, como era o último cliente daquela noite. Baixando a voz para um sussurro, Desiree ajudou-o a transpor a última fronteira do prazer.

— Sim, Sr. Drake, foi maravilhoso. O senhor é maravilhoso. Não, amanhã não trabalho. Na sexta-feira? Sim, vou aguardar ansiosamente. Boa-noite, Sr. Drake.

Desiree ouviu o clique e desligou o telefone. Tornou-se Kathleen. Dez e cinquenta e cinco, pensou ela com um suspiro. Saía às onze, por isso não haveria mais telefonemas naquela noite. Tinha trabalhos para avaliar e um teste-surpresa para preparar para os alunos para o dia seguinte. Quando se levantava, olhou para o telefone. Tinha feito duzentos dólares naquela noite, graças à AT&T e à Fantasy Inc. Com uma gargalhada, pegou no seu café. Era muito melhor do que andar a vender revistas.

A ALGUNS QUILOMETROS DE DISTÂNCIA, outro homem segurava no auscultador do telefone. Tinha a mão húmida. O quarto cheirava a sexo, mas ele estava sozinho. Na sua cabeça, Desiree tinha estado lá. Desiree, com o seu corpo branco e molhado e a sua voz calma e tranquilizadora. Desiree. Com o coração ainda acelerado, esticou-se na cama.

Desiree.

Tinha de a conhecer. Em breve.

## CAPÍTULO 1

O AVIÃO CURVOU OBLIQUAMENTE SOBRE o Lincoln Memorial. Grace tinha a pasta aberta sobre o colo. Havia uma dúzia de coisas para guardar, mas ela olhava fixamente pela janela, satisfeita por ver o chão cada vez mais perto. Para si, não havia nada comparável à sensação de voar.

O avião estava atrasado. Ela sabia porque o homem à sua frente, no lugar 3B, não parava de se queixar. Grace sentia-se tentada a estender a mão até ao outro lado da coxia e dar-lhe uma palmadinha tranquilizadora na mão, para lhe transmitir que dez minutos de atraso não eram assim tão significativos. Mas ele não tinha aspeto de quem fosse apreciar o gesto.

Kathleen também deveria estar a queixar-se, pensou ela. Não em voz alta, nada disso, refletiu Grace sorrindo e recostando-se para a aterragem. Kathleen podia estar tão irritada como o senhor do 3B, mas nunca seria suficientemente grosseira para resmungar, ou se lamentar.

Se Grace conhecia a irmã, e conhecia-a bem, Kathleen já teria saído de casa há mais de uma hora, levando em consideração a imprevisibilidade do trânsito de Washington. Grace tinha percebido, pela voz de Kathleen, que a irmã estava aborrecida por ela ter escolhido um voo com chegada prevista para as seis e um quarto, o pico da hora de ponta. Com vinte minutos ainda livres, Kathleen teria estacionado o carro no parque

para estadias curtas, fechado as janelas, trancado as portas e ter-se-ia dirigido, sem se sentir tentada pelas lojas, até ao terminal. Nunca se perderia, nem trocava os números.

Kathleen chegava sempre adiantada. Grace chegava sempre atrasada. Não era novidade nenhuma.

Ainda assim, ela desejava, de todo o coração, que agora existisse já algum tipo de afinidade entre as duas. Eram irmãs, mas raramente se haviam compreendido.

O avião aterrou e Grace começou a enfiar na pasta tudo o que lhe vinha à mão.

Batom misturado com caixas de fósforos, canetas com pinças. Era outra coisa que uma mulher tão organizada como Kathleen nunca compreenderia. Um lugar para tudo. Grace concordava com o princípio, mas, no seu caso, os lugares pareciam estar constantemente a mudar.

Por mais de uma vez, Grace indagava-se como era possível serem irmãs. Ela era descuidada, despassarada e bem-sucedida. Kathleen era organizada, prática e passava por dificuldades. Contudo, tinham os mesmos pais, tinham sido criadas na mesma pequena casa de tijolo nos subúrbios de Washington D.C. e frequentado as mesmas escolas.

As freiras nunca tinham sido capazes de ensinar Grace a organizar uma agenda, mas desde o sexto ano, no colégio St. Michaels, que ficavam fascinadas com a sua capacidade para compor uma história.

Quando o avião chegou à porta de desembarque, Grace esperou que os passageiros que estavam com pressa de descer do avião desentupissem a passagem. Ela sabia que Kathleen estaria provavelmente a andar impacientemente de um lado para o outro, convencida de que a despassarada da irmã teria perdido outra vez um voo, mas ela precisava de uns instantes. Grace queria lembrar-se do amor, não das discussões. Como havia previsto, Kathleen estava à sua espera junto à porta. Enquanto via os passageiros saírem em fila, sentiu mais um acesso de impaciência. Grace viajava sempre em primeira classe, mas não estava entre os primeiros passageiros a saírem do avião. Não estava entre os primeiros cinquenta. Provavelmente estaria a conversar animadamente com a tripulação, pensou Kathleen, tentando ignorar uma súbita pontada de inveja.

Grace nunca precisara de se esforçar para fazer amigos. As pessoas sentiam-se simplesmente atraídas por ela. Dois anos depois da formatu-

ra, Grace, que tinha concluído os estudos como que por magia, progredia na carreira. Uma vida inteira depois e Kathleen, aluna de excelência, trabalhava na mesma escola que haviam frequentado. Ocupava agora o lugar na mesa do professor, mas pouco mais tinha mudado.

Os anúncios das chegadas e partidas dos voos soavam monotona-mente. Havia troca de portas e atrasos, mas nada de Grace. Quando se preparava para se ir informar na recepção, Kathleen viu a irmã atravessar a porta. A inveja desvaneceu-se. A irritação desapareceu. Era praticamente impossível estar chateada com Grace quando estava diante dela.

Porque é que parecia sempre que ela tinha acabado de descer de um carrossel? O cabelo, do mesmo tom zibelina escuro do de Kathleen, estava cortado por altura do queixo e parecia constantemente revoltado em torno do rosto. O corpo era esbelto e esguio, uma vez mais como o de Kathleen, mas enquanto que Kathleen tinha um aspeto robusto, Grace parecia frágil como um salgueiro, dobrável para onde quer que a brisa soprasse. Naquele momento estava amarrotada, com uma blusa comprida sobre umas leggings, óculos de sol a escorregarem-lhe pelo nariz e as mãos cheias de sacos e de pastas. Kathleen continuava com a saia e o casaco curto que vestira para dar as suas aulas de História. Grace usava uns ténis-bota amarelos-claros a condizer com a blusa.

— Kath! — Assim que viu a irmã, Grace pousou tudo sem pensar que ia bloquear a passagem dos passageiros que vinham atrás de si. Abraçou-a como abraçava tudo: com imenso entusiasmo. — Estou tão feliz por te ver. Estás linda! Perfume novo. — Inalou-o profundamente. — Gosto.

— Minha senhora, importa-se de sair da frente?

Ainda abraçada a Kathleen, Grace sorriu para o irritado homem de negócios atrás de si. — Pode passar por cima das minhas coisas. — Foi o que ele fez, a resmungar. — Boa viagem. — Grace esqueceu-o assim como esquecia a maioria das inconveniências. — Então, como estou? — perguntou à irmã. — Gostas do cabelo? Espero que sim, acabei de gastar uma fortuna em fotos publicitárias.

— Penteaste-o primeiro?

Grace levou uma mão ao cabelo. — Provavelmente.

— Fica-te bem — decidiu Kathleen. — Anda, ainda provocamos um distúrbio aqui, se não tirarmos as tuas coisas. O que é isto? — Levantou uma das malas.



— O Maxwell. — Grace começou a pegar em sacos. — Computador portátil. Estamos envolvidos num maravilhoso caso romântico.

— Pensei que estavas de férias. — Conseguiu manter a irritação longe da voz. O computador era mais um exemplo físico do sucesso de Grace. E do seu próprio fracasso.

— E estou. Mas tenho de me ocupar com alguma coisa enquanto estiveres na escola. Se o avião se tivesse atrasado mais dez minutos, eu teria concluído mais um capítulo. — Olhou para o relógio de pulso, reparou que tinha parado novamente e esqueceu o assunto. — A sério, Kath, este é um crime maravilhoso.

— Bagagem? — interrompeu Kathleen, sabendo que Grace iria lançar-se na história sem qualquer encorajamento.

— O meu baú deverá ser entregue em tua casa amanhã. — O baú era, na opinião de Kathleen, mais uma das excentricidades propositadas da irmã.

— Grace, quando é que vais começar a usar malas de viagem como as pessoas normais?

Passaram pelo tapete de recolha de bagagem, onde as pessoas se aglomeravam, prontas a atropelarem-se assim que vissem o primeiro sinal da sua *Samsonite*. *Dia de São Nunca*, pensou Grace, mas limitou-se a sorrir. — Estás mesmo com ótimo aspeto. Como te sentes?

— Bem. — Depois, porque se tratava da sua irmã, Kathleen relaxou. — Melhor, na verdade.

— Estás melhor sem aquele filho da mãe — disse Grace quando atravessavam as portas automáticas. — Detesto dizer isto, porque sei que o amavas realmente, mas é a verdade. — Vinha uma brisa gélida de norte que fazia as pessoas esquecerem que era primavera. O barulho dos aviões que chegavam e partiam era ensurdecedor. Grace desceu do passeio em direção ao parque de estacionamento sem olhar para a esquerda nem para a direita. — A única verdadeira alegria que ele trouxe à tua vida foi o Kevin. A propósito, onde está o meu sobrinho? Estava com esperança de que o trouxesses.

A pequena pontada de dor foi fugaz. Quando Kathleen tomava uma decisão com a cabeça, também a tomava com o coração. — Está com o pai. Concordámos que seria melhor que ele ficasse com o Jonathan durante o ano letivo.

— O quê?! — Grace parou no meio da rua. Uma buzina estron-

deou e foi ignorada. — Kathleen, não podes estar a falar a sério. O Kevin só tem seis anos. Ele precisa de estar contigo. O mais provável é o Jonathan pô-lo a ver o *MacNeil-Lehrer* em vez da *Rua Sésamo*.

— A decisão está tomada. Concordámos que seria o melhor para todos.

Grace conhecia aquela expressão. Significava que Kathleen se tinha fechado e que não voltaria a abrir-se até se sentir bem e preparada. — Ok. — Grace acompanhou-a até ao parque de estacionamento, alterando instantaneamente o seu passo para o sincronizar com o da irmã. Kathleen andava sempre com pressa. Grace deambulava. — Sabes que podes falar comigo sempre que quiseres.

— Eu sei. — Kathleen parou ao lado de um *Toyota* em segunda mão. Um ano antes ela conduzia um *Mercedes*. Mas isso tinha sido o menos importante que havia perdido. — Não queria falar-te com brusquidão, Grace. É que eu preciso de esquecer o assunto por um tempo. Já consegui praticamente pôr a minha vida em ordem.

Grace pousou os sacos no banco traseiro e não disse nada. Ela sabia que o carro era em segunda mão, muito abaixo do que Kathleen estava habituada, mas estava muito mais preocupada com o nervosismo na voz da irmã do que com a alteração de posição social. Grace queria confortá-la, mas sabia que Kathleen via a solidarização como algo próximo da piedade. — Tens falado com os pais?

— Na semana passada. Estão bem. — Kathleen entrou no carro e colocou o cinto de segurança. — Até parece que Phoenix é um paraíso.

— Desde que estejam felizes. — Grace recostou-se e, pela primeira vez, apreciou a envolvência. Aeroporto Nacional. Partira dali a primeira vez, oito... não, Deus do Céu, quase dez anos antes. E tinha estado apavorada da cabeça aos pés. Ela quase desejava sentir de novo aquela sensação fresca e inocente.

*A ficar cansada, Gracie?*, perguntou-se. *Demasiados voos. Demasiadas cidades. Demasiadas pessoas.* Agora estava de volta, a alguns quilómetros apenas da casa em que tinha crescido, e tinha a irmã sentada ao lado. Contudo, não tinha qualquer sensação de estar de regresso a casa.

— O que te fez voltar para Washington, Kath?

— Queria sair da Califórnia. E isto era familiar.

*Mas não quiseste ficar perto do teu filho? Não sentiste a necessidade?* Não era a altura indicada para perguntar, mas ela teve de se esforçar para

não verbalizar as palavras. — E ensinares no colégio Nossa Senhora da Esperança. Uma vez mais, familiar, mas deve ser estranho.

— Na verdade, até gosto. Acho que tenho necessidade da disciplina das aulas. — Conduziu para fora do parque de estacionamento com calculada precisão. Enfiados na bolsa da pala protetora estavam o bilhete do parque de estacionamento e três notas de dólar. Grace reparou que ela continuava a contar os trocos.

— E a casa? Gostas dela?

— A renda é razoável e fica apenas a quinze minutos de carro da escola.

Grace conteve um suspiro. Porque seria que Kathleen nunca se sentia arrebatada com nada? — Tens saído com alguém?

— Não. — Mas sorriu um pouco quando entrou na estrada. — Não estou interessada em sexo.

Grace ergueu o sobrolho. — Toda a gente está interessada em sexo. Porque achas que a Jackie Collins entra sempre para a lista de best-sellers? Seja como for, eu estava a falar mais em companhia.

— Neste momento não quero estar com ninguém. — Pousou uma mão em cima da de Grace, que era a demonstração máxima de afeto que conseguira dar a alguém à exceção do marido e do filho. — Exceto contigo. Estou mesmo feliz por teres vindo.

Como sempre, Grace respondia com afeto quando recebia afeto. — Teria vindo mais cedo, se me tivesses deixado.

— Estavas a meio de uma *tourné*.

— As *tournées* podem ser canceladas. — Mexeu agitadoamente os ombros. Nunca se considerara temperamental, nem arrogante, mas teria sido ambos se tal tivesse ajudado Kathleen. — Seja como for, a *tourné* acabou e eu estou aqui. Washington na primavera. — Baixou o vidro da janela, embora o vento de abril cortasse ainda como o de março. — E as flores de cerejeira?

— Foram atingidas por uma geada tardia.

— Nada muda. — Continuariam a ter tão pouco para dizer uma à outra? Grace deixou a rádio preencher a lacuna durante a viagem. Como era possível duas pessoas terem crescido juntas, terem vivido juntas e continuarem a ser umas estranhas? Cada vez que se encontravam, ela esperava que fosse diferente. Cada vez era a mesma coisa.

Quando atravessavam a ponte da 14th Street, Grace lembrou-se

do quarto que havia partilhado com Kathleen na infância. Todo arrumadinho de um lado e um caos autêntico do outro. Esse fora apenas um dos pontos de discórdia. Tinha havido também os jogos que Grace inventara, que mais haviam frustrado do que divertido a irmã. Onde estavam as regras? Aprender as regras sempre fora a primeira prioridade de Kathleen. E quando estas não existiam, ou eram demasiado flexíveis, ela simplesmente não era capaz de entender o jogo.

*Sempre as regras, Kath*, pensou Grace, viajando em silêncio ao lado da irmã. *Na escola, na igreja, na vida*. Não admirava que se sentisse sempre confusa quando as regras mudavam. Agora tinham tornado a mudar.

*Desististe do casamento, como costumavas desistir do jogo quando as regras não te agradavam, Kath? Regressaste ao ponto de origem para poderes apagar o tempo e recomeçar, de acordo com as tuas próprias regras?* Era esse o estilo de Kathleen, pensou Grace, desejando, pelo bem da irmã, que o plano resultasse.

A única coisa que a surpreendia era a rua em que Kathleen decidira morar. Um apartamento eficaz com eletrodomésticos modernos e vinte e quatro horas de manutenção teriam sido mais condizentes com o estilo de Kathleen, do que aquele bairro antigo, um pouco sujo e degradado, de árvores grandes e casas velhas.

A de Kathleen era uma das casas mais pequenas do quarteirão e embora Grace estivesse convicta de que a irmã nada tinha feito ao pequeno pedaço de relvado, para além de o aparar, alguns rebentos começavam a brotar ao longo do caminho que tinha sido cuidadosamente varrido.

De pé ao lado do carro, Grace viu a rua de uma ponta à outra. Havia bicicletas, carrinhas velhas e pouca tinta fresca. Usado e degradado, o bairro ou estava à beira de um renascimento, ou pronto a deslizar lentamente para o seu fim. Ela gostava do lugar, gostava da sensação que lhe transmitia.

Seria precisamente o que teria escolhido se tivesse decidido voltar a morar na cidade. E se tivesse escolhido uma casa... seria a do lado, decidiu Grace sem hesitar. Estava, decididamente, a precisar de restauro. Uma das janelas estava tapada com tábuas e o telhado tinha umas telhas a menos, mas alguém plantara azáleas. A terra tinha sido colocada há pouco tempo e formava montinhos na base das plantas, que eram ainda pequenas, com apenas um palmo de altura. Mas os pequenos botões es-

tavam prestes a abrir. Olhando para as plantas, ela desejou poder ficar o tempo suficiente para as ver florir.

— Oh, Kath, que lugar maravilhoso.

— Fica a milhas de Palm Springs — disse Kathleen, sem rancor, quando começava a descarregar as coisas da irmã.

— Não, querida, estou a falar a sério. É um verdadeiro lar. — Ela estava realmente a ser sincera. Com o olho e a imaginação de escritora, quase conseguia visualizá-lo.

— Eu queria poder dar alguma coisa ao Kevin quando... quando ele vier.

— Ele vai adorar. — Grace falava com a confiança que era seu estandarte. — Este é, sem dúvida, um passeio para skate. E as árvores. — Havia uma do outro lado da rua que parecia ter sido atingida por um relâmpago e nunca ter recuperado, mas Grace passou por ela sem quebrar o ritmo. — Kath, olhar para isto faz-me pensar que diabo estou eu a fazer em Manhattan.

— A ficar rica e famosa. — Uma vez mais, Kathleen falou sem rancor enquanto passava os sacos a Grace.

Pela segunda vez, o olhar de Grace pairou até à casa do lado. — Não me importava de ter também umas azáleas. — Deu o braço ao de Kathleen. — Bem, mostra-me o resto.

O interior não foi propriamente uma surpresa. Kathleen preferia as coisas simples e arrumadas. A mobília era robusta, de bom gosto, e estava livre de pó. *Tal como a Kathleen*, pensou Grace com uma ponta de remorso. Ainda assim, gostava da confusão de pequenas assoalhadas que pareciam amontoar-se.

Kathleen tinha transformado uma delas num escritório. A secretária ainda brilhava de tão nova que era. Não levara nada consigo, pensou Grace. Nem sequer o filho. Embora achasse estranho que Kathleen se desse ao luxo de ter um telefone em cima da secretária e outro, a poucos metros de distância, ao lado de uma poltrona, não comentou. Conhecendo Kathleen, o motivo faria todo o sentido.

— Molho bolonhesa. — O aroma atraiu infalivelmente Grace até à cozinha. Se alguém lhe perguntasse qual era o seu passatempo preferido, comer estaria no topo da lista.

A cozinha estava tão imaculada como o resto da casa.

Se Grace fizesse apostas, apostaria que a torradeira não teria uma

única migalha. As sobras estariam bem arrumadas e identificadas no frigorífico e os copos organizados por tamanho no armário. Kathleen era assim e não tinha mudado nada em trinta anos.

Grace desejava ter-se lembrado de limpar os pés quando atravessou o linóleo antigo. Levantou a tampa de uma caçarola e inalou longa e profundamente. — Eu diria que não perdeste o jeito.

— Recuperarei-o. — Mesmo depois de anos com cozinheiras e empregadas. — Estás com fome? — Então, pela primeira vez, o seu sorriso pareceu genuíno e descontraído. — Porque estarei eu a fazer esta pergunta?

— Espera, tenho ali uma coisa.

Quando a irmã saiu apressadamente da cozinha em direção ao hall, Kathleen virou-se para a janela. Porque seria que se dava subitamente conta do quão vazia estivera a casa, agora que Grace ali se encontrava? Que magia teria a irmã para conseguir encher uma sala, uma casa, uma arena? E o que iria ela fazer quando se visse novamente sozinha?

— *Valpolicella* — anunciou Grace quando regressou à cozinha. — Como podes ver, já estava a contar com comida italiana. — Quando Kathleen se virou, as lágrimas estavam a começar a escorrer. — Oh, querida. — Com a garrafa ainda na mão, Grace correu para a irmã.

— Gracie, senti tanto a tua falta. Por vezes pensei que ia morrer.

— Eu sei. Oh, querida, eu sei. Lamento imenso. — Acariciou os cabelos que Kathleen tinha penteado firmemente para trás. — Deixa-me ajudar, Kathleen. Diz-me o que posso fazer.

— Não há nada que possas fazer. — O esforço foi maior do que ela alguma vez admitiria, mas conseguiu parar as lágrimas. — É melhor ir preparar a salada.

— Espera. — Com uma mão no braço da irmã, Grace conduziu-a à pequena mesa da cozinha.

— Senta-te. Estou a falar a sério, Kathleen.

Embora fosse um ano mais velha, Kathleen cedeu perante a autoridade. Era mais uma coisa que se tinha tornado um hábito. — Não quero mesmo falar no assunto, Grace.

— Então calculo que seja mesmo sério. Saca-rolhas?

— Primeira gaveta à esquerda do lava-louça.

— Copos?

— Segunda prateleira, armário ao lado do frigorífico.

Grace abriu a garrafa. Embora o céu estivesse a escurecer, ela não se deu ao trabalho de acender a luz da cozinha. Depois de pousar o copo diante de Kathleen, encheu-o até à borda. — Bebe. É mesmo bom. — Encontrou um frasco de maionese vazio, exatamente no mesmo sítio onde a mãe teria guardado, e tirou-lhe a tampa para servir de cinzeiro. Ela sabia o quanto Kathleen reprovava o tabaco e tinha ido determinada a portar-se bem. Mas, como a maior parte das promessas que fazia a si própria, aquela foi facilmente quebrada. Grace acendeu um cigarro, serviu-se de vinho e depois sentou-se. — Fala comigo, Kathy. Só vou parar de te chatear quando me contares o que se passa.

Grace ia fazê-lo, sem dúvida. Kathleen soubera isso ainda antes de ter concordado em recebê-la em sua casa. Talvez a tivesse deixado ir exatamente por esse motivo. — Eu não queria a separação. E não precisas de me dizer que sou estúpida por querer manter-me ligada a um homem que não me quer, porque isso já eu sei.

— Eu não acho que sejas estúpida. — Grace soprou fumo com algum sentimento de culpa, porque pensara precisamente isso, mais do que uma vez. — Tu amas o Jonathan e o Kevin. Eram teus e queres mantê-los.

— Acho que isso resume a coisa. — Kathleen bebeu um segundo e longo gole de vinho. Grace estava certa novamente. Era mesmo bom. Era difícil admitir, detestável admitir, mas precisava de falar com alguém. Ela queria que essa pessoa fosse Grace porque, independentemente das suas diferenças, Grace ficaria incondicionalmente do seu lado. — Chegou a um ponto em que eu tive de concordar com a separação. — Continuava a não conseguir verbalizar a palavra «divórcio». — O Jonathan... maltratou-me.

— Que queres dizer? — A voz grave e ligeiramente rouca de Grace lançava farpas. — Ele bateu-te? — Estava já meio levantada, pronta a apanhar o próximo voo para o litoral.

— Há outros tipos de maus-tratos — disse Kathleen com algum cansaço. — Ele humilhou-me. Teve outras mulheres, muitas. Oh, ele era muito discreto. Duvido até que o corretor dele soubesse, mas ele fez questão que eu soubesse. Só para me esfregar na cara.

— Lamento imenso. — Grace tornou a sentar-se. Ela sabia que Kathleen teria preferido um soco no queixo à infidelidade. Pensando no assunto, Grace teve de admitir que ela e a irmã concordavam, pelo menos, nisso.

— Nunca gostaste dele.

— Não e não me arrependo. — Grace sacudiu cinza para dentro da tampa do frasco de maionese vazio.

— Acho que agora isso também já não importa. De qualquer modo, quando concordei em separar-me, o Jonathan deixou bem claro que ia ser segundo as condições dele. Ele ia meter os papéis e a condição é que fosse um divórcio «sem culpa», sem transgressão por parte de qualquer dos cônjuges. Como uma colisão entre dois veículos da qual resultam apenas uns arranhões. Oito anos da minha vida deitados ao lixo e nenhum culpado.

— Kath, tu sabes que não eras obrigada a aceitar as condições dele. Se ele tinha sido infiel, tu tinhas um recurso.

— Como podia eu provar? — Desta vez havia rancor, amargo e intenso. Ela tinha demorado muito tempo a libertá-lo. — Tens de compreender como é este mundo, Grace. Jonathan Breezewood III é um homem irrepreensível. Por amor de Deus, ele é advogado, é sócio na empresa de família que seria capaz de representar o Diabo contra Deus Todo Poderoso e conseguir um acordo. Mesmo que alguma pessoa tivesse conhecimento, ou desconfiasse, não me teria ajudado. Eram todas amigas da mulher do Jonathan. A Sra. Jonathan Breezewood. Foi essa a minha identidade durante oito anos. — E, depois de Kevin, tinha sido o mais difícil de perder. — Nenhuma delas daria importância a Kathleen McCabe. O erro foi meu. Dediquei-me a ser a Sra. Breezewood. Tinha de ser a esposa perfeita, a anfitriã perfeita, a mãe e dona de casa perfeita. E tornei-me maçadora. Quando o macei o suficiente, ele quis livrar-se de mim.

— Que diabos, Kathleen, tens de ser sempre a tua pior crítica? — Grace apagou o cigarro e pegou no copo de vinho. — Por amor de Deus, é ele o culpado e não tu! Tu deste-lhe exatamente o que ele disse que queria. Desististe da tua carreira, da tua família, da tua casa e centraste a tua vida nele. Agora resolveste desistir outra vez e incluir o Kevin no acordo.

— Eu não vou desistir do Kevin.

— Tu disseste-me...

— Eu não discuti com o Jonathan, não consegui. Tinha medo do que ele pudesse fazer.

Com muito cuidado, Grace tornou a pousar o copo. — Tinhas medo do que ele pudesse fazer a ti, ou ao Kevin?



— Ao Kevin, não — disse ela rapidamente. — Independentemente do que o Jonathan seja, ou tenha feito, ele nunca faria mal ao Kevin. Ele adora-o verdadeiramente. E apesar do facto de ter sido um mau marido, é um pai maravilhoso.

— Está bem. — Mas Grace reservaria a sua opinião quanto ao assunto. — Então estavas com medo do que ele pudesse fazer-te fisicamente?

— O Jonathan raramente perde as estribeiras. Mantém-se bem controlado, porque pode ser bastante violento. Uma vez, era o Kevin ainda bebé, eu dei-lhe um gatinho. — Kathleen escolheu cuidadosamente as palavras, pois sabia que Grace era capaz de pegar nas migalhas e fazer um bolo inteiro. — Eles estavam a brincar e o gatinho arranhou o Kevin. O Jonathan ficou tão furioso quando viu as marcas na cara do Kevin que atirou o gatinho da varanda. Do terceiro andar.

— Eu sempre disse que ele era um príncipe — murmurou Grace e bebeu mais um gole.

— Houve também o incidente com o ajudante do jardineiro. O homem tinha arrancado, por engano, uma das roseiras. Foi apenas um mal-entendido. Ele não percebia muito bem inglês. O Jonathan despediu-o imediatamente e eles discutiram. Antes de a discussão acabar, o Jonathan já tinha batido tanto ao homem que ele teve de ser hospitalizado.

— Deus do Céu.

— O Jonathan pagou a conta, claro.

— Claro — concordou Grace, mas o sarcasmo foi inútil.

— Ele pagou-lhe para manter o sucedido longe da imprensa. Era apenas uma roseira. Não sei o que ele faria se eu tentasse tirar-lhe o Kevin.

— Kath, querida, és mãe dele. Tens direitos. Estou certa de que há excelentes advogados em Washington. Vamos consultar alguns para saber o que pode ser feito.

— Já contratei um. — Como tinha a boca seca, Kathleen bebeu um pouco mais. O vinho facilitava a saída das palavras. — E contratei um detetive. Não vai ser fácil, e já me disseram que pode consumir muito tempo e dinheiro, mas é uma hipótese.

— Estou orgulhosa de ti. — Grace entrelaçou as mãos com as da irmã. O Sol já quase se tinha posto e a cozinha estava na penumbra. Os

olhos de Grace, tão cinzentos como a luz, acenderam-se. — Querida, o Jonathan Breezewood III vai ter uma surpresa quando se deparar com os McCabe. Tenho alguns contactos no litoral.

— Não, Grace, tenho de manter isto em segredo. Ninguém deve saber, nem mesmo os pais. Não posso arriscar.

Grace pensou por momentos nos Breezewood. Família antiga, abastada, que tinha longos tentáculos. — Está bem, provavelmente é melhor. Mas posso ajudar na mesma. Advogados e detetives custam dinheiro. Tenho mais do que preciso.

Pela segunda vez, os olhos de Kathleen encheram-se de lágrimas. Desta vez, ela conseguiu contê-las. Ela sabia que Grace tinha dinheiro e não queria sentir-se melindrada com o facto de a irmã o ter. Mas era assim que se sentia. Oh, céus, se sentia. — Tenho de fazer isto sozinha.

— Não é altura para orgulho. Não podes travar uma batalha como esta com o salário de professora. Lá por teres sido uma idiota e teres deixado o Jonathan livrar-se de ti sem gastar um cêntimo, não é motivo para recusares o meu dinheiro.

— Eu não quis nada do Jonathan. Saí do casamento exatamente com o mesmo com que entrei. Três mil dólares.

— Não vamos discutir o direito das mulheres nem o facto de mereceres alguma coisa depois de oito anos de casamento. — Grace era uma ativista, se e quando lhe dava jeito. — A questão é que sou tua irmã e quero ajudar.

— Não com dinheiro. Talvez seja orgulho, mas tenho de fazer isto sozinha. Estou a fazer uns biscates.

— O quê... a venderes *Tupperwares*? A ensinar aos miúdos a Batalha de Nova Orleães? A prostituir-te?

Com a primeira gargalhada valente que dava nas últimas semanas, Kathleen serviu-as de mais vinho. — Exatamente.

— Estás a vender *Tupperwares*? — Grace refletiu por uns instantes. — Ainda têm aquelas tigelas para cereais com tampa?

— Não faço ideia. Não vendo *Tupperwares*. — Bebeu um longo gole. — Ando a prostituir-me.

Quando Kathleen se levantou para ir acender a luz do teto, Grace pegou no seu copo. Era raro Kathleen fazer uma piada, por isso ela não sabia se havia de rir, ou não. Decidiu não o fazer. — Pensei que tinhas dito que não estavas interessada em sexo.

— Não por mim, pelo menos não agora. Ganho um dólar por minuto numa chamada de sete minutos, dez dólares pela chamada se o cliente for repetente. A maior parte dos meus é. Tenho uma média de vinte chamadas por noite, três dias por semana, mais vinte e cinco a trinta aos fins de semana. Isso perfaz aproximadamente novecentos dólares por semana.

— Meu Deus. — O primeiro pensamento de Grace foi que a irmã tinha muito mais energia do que desconfiara. O segundo foi de que tudo não passava de uma enorme piada para que ela a deixasse em paz.

Sob a áspera luz fluorescente, Grace fitou a irmã. Não havia nada nos olhos de Kathleen que indicasse que se tratava de uma piada. Mas Grace reconheceu o olhar de autossatisfação. Era o mesmo que Kathleen exibira aos doze anos de idade, quando vendera mais cinco caixas de bolachinhas do que Grace.

— Meu Deus — repetiu ela, acendendo mais um cigarro.

— Não me vais dar um sermão sobre moralidade, Gracie?

— Não. — Grace levantou o copo de vinho e bebeu sofregamente. Ela não sabia exatamente qual a sua posição moral no que respeitava ao assunto; não ainda. — Dá-me um minuto. Estás a falar a sério?

— Completamente.

Claro. Kathleen falava sempre a sério. Vinte por noite, pensou novamente, afastando a imagem da mente. — Não vou dar-te nenhum sermão sobre moralidade, mas estás prestes a receber um sobre bom senso. Deus do Céu, Kathleen, sabes que tipo de imbecis e de maníacos há por aí à solta? Até eu sei e há quase seis meses que não tenho um encontro que não seja de negócios. E não é só uma questão de engravidar, é uma questão de se apanhar alguma coisa que não se consiga embalar nove meses depois. É estúpido, Kathleen. Estúpido e perigoso. E vais parar agora, ou eu vou...

— Dizer à mãe? — sugeriu Kathleen.

— Isto não é uma brincadeira. — Grace mexeu-se desconfortavelmente porque tinha sido precisamente isso que estivera na ponta da sua língua. — Se não consegues pensar em ti, pensa no Kevin. Se o Jonathan souber disto, não tens a mínima hipótese de o recuperar.

— Eu estou a pensar no Kevin. É só nele que eu penso agora. Bebe o teu vinho, Grace, e escuta. Tu sempre foste pródiga em compor uma história sem teres todos os factos.

— É facto mais que suficiente a minha irmã andar a ganhar dinheiro extra como acompanhante de luxo, apesar de ser incrivelmente resiliente.

— Não é exatamente isso. O que faço é por telefone. Vendo a minha voz, Grace, não o corpo.

— Alguns copos de vinho e o meu cérebro começa logo a enublar. E se me explicasses melhor, Kathleen?

— Trabalho para a Fantasy Inc. É uma pequena empresa que se apresenta como especializada em serviços telefónicos.

— Em serviços telefónicos? — repetiu ela enquanto soprava fumo. — Serviços telefónicos? — Desta vez, ergueu as sobrancelhas. — Estás a falar de sexo por telefone?

— Há um ano que todo o sexo que faço é falado.

— Um ano? — Grace engoliu em seco. — Eu dava-te as minhas condolências, mas neste momento estou demasiado fascinada. Queres dizer que andas a fazer o que anunciam na contracapa das revistas para homens?

— Desde quando começaste a ler revistas para homens?

— Pesquisa. E estás a dizer que fazes quase mil dólares por semana a falar com homens ao telefone?

— Sempre tive boa voz.

— Pois. — Grace recostou-se para assimilar a informação. Não se lembrava de Kathleen alguma vez ter feito alguma coisa fora do convencional. Esperara, inclusivamente, até ao casamento para dormir com Jonathan. Grace sabia porque tinha perguntado. A ambos. De repente deu-se conta de que não só era estranho, como engraçado. — A irmã Mary Francis dizia que tinhas a melhor voz de oratória do oitavo ano. O que diria a pobrezinha se soubesse que a sua melhor aluna é prostituta por telefone.

— Não gosto muito desse termo, Grace.

— Ora, até soa bem. — Deu umas risadinhas para dentro do copo. — Desculpa. Bem, explica-me como funciona.

Ela já devia saber que Grace veria o lado mais leve da situação. Grace raramente recriminava. Os músculos dos ombros de Kathleen relaxaram e ela bebeu mais um pouco de vinho. — Os homens ligam para o escritório da Fantasy e, quando são repetentes, podem solicitar uma mulher específica. Quando são novos clientes, pedem-lhes que

enumerem as suas preferências para poderem passar a ligação a alguém adequado.

— Que tipo de preferências?

Kathleen sabia que Grace tinha tendência para entrevistar. Três copos de vinho evitaram que se irritasse. — Alguns homens gostam mais de falar sobre o que fariam à mulher, o que estão a fazer a si próprios. Outros gostam que seja a mulher a falar e limitam-se a orientá-la, entendes? Querem que ela se descreva, o que tem vestido, o quarto onde está. Outros gostam de falar de sadomasoquismo, ou de submissão. Não atendo esses telefonemas.

Grace esforçava-se para levar tudo com seriedade. — Só falas de sexo convencional.

Pela primeira vez em meses, Kathleen sentia-se agradavelmente descontraída. — Exatamente. E sou excelente nisso. Sou muito popular.

— Parabéns.

— Seja como for, os homens ligam, deixam o número de telefone e o número do cartão de crédito. O escritório verifica a autenticidade do cartão e depois entra em contacto com uma de nós. Se eu concordo em aceitar a chamada, ligo ao homem através do telefone que a Fantasy instalou aqui, mas esse é cobrado diretamente na morada do escritório.

— Claro. E depois?

— Depois conversamos.

— Depois conversam — murmurou Grace. — É por isso que tens um telefone extra no teu escritório.

— Reparas sempre nos pormenores — constatou Kathleen, com bastante satisfação por estar prestes a ficar embriagada. Gostava da sensação de ter um zunido na cabeça, os ombros livres de peso e a irmã à sua frente, do outro lado da mesa.

— Kath, o que impede esses tipos de descobrirem o teu nome e a tua morada? Um deles pode decidir simplesmente que não quer mais conversar.

Kathleen sacudiu a cabeça enquanto limpava cuidadosamente o leve círculo de humidade deixado pelo copo na superfície da mesa. — Os dados das empregadas da Fantasy são estritamente confidenciais. Os clientes nunca, em nenhuma circunstância, têm acesso ao nosso número. A maior parte de nós usa também nomes falsos. Eu sou Desiree.

— Desiree — repetiu Grace com algum respeito.

— Com um metro e sessenta, sou loura e tenho um corpo insaciável.

— Estás a falar a sério? — Embora tivesse maior tolerância ao álcool, Grace não tinha comido nada naquele dia à exceção de um *Milky Way* a caminho do aeroporto. A ideia de Kathleen ter um alter-ego não só parecia plausível, como lógica. — Uma vez mais, parabéns. Mas, Kath, digamos que um dos responsáveis da Fantasy decide ter um relacionamento mais íntimo com as empregadas?

— Lá estás tu a escrever outra história — disse Kathleen com tom de desdém.

— Pode ser, ma...

— Grace, é totalmente seguro. Trata-se de um simples contrato. Eu limito-me a falar, os homens recebem o que pagam, eu sou bem paga e a Fantasy recebe a sua parte. Todos ficam felizes.

— Parece lógico. — Grace fez rodopiar o seu vinho e tentou afastar quaisquer dúvidas. — E muito atual. O sexo da nova vaga no limiar do século vinte. Pelo telefone não se pode contrair SIDA.

— Saudável, do ponto de vista médico. Porque estás a rir-te?

— Estou só a imaginar. — Grace passou o dorso da mão pela boca. — Tem medo do compromisso? Cansado de encontros de solteiros? Ligue para a Fantasy Inc., fale com a Desiree, com a Delilah, ou a DeeDee. Orgasmos garantidos, ou o dinheiro de volta. Aceitamos cartões de crédito. Céus, eu devia ser redatora publicitária.

— Nunca pensei que tivesse piada.

— Nunca pensaste que a vida pode ter piada — disse Grace, sem maldade. — Escuta, da próxima vez que estiveres a trabalhar, eu posso assistir?

— Não.

Grace ignorou a recusa. — Bem, falamos disso depois. Quando é que comemos?

Quando se deitou naquela noite, na cama do quarto de hóspedes de Kathleen, empanturrada de massa e vinho, Grace estava com uma sensação de tranquilidade em relação à irmã, que não sentia desde a infância. Não se lembrava quando fora a última vez que haviam ficado acordadas até tarde, a beber e a conversar, como amigas. Era difícil admitir que nunca o tinham feito.

Kathleen estava finalmente a fazer algo fora da norma, tentando resolver sozinha as suas dificuldades. Desde que isso não causasse pro-

blemas à irmã, Grace estava entusiasmadíssima. Kathleen estava a tomar as rédeas da própria vida. E ia correr tudo bem.

ELE FICOU À ESCUTA DURANTE três horas naquela noite, à espera dela. Desiree não apareceu. Havia outras mulheres, claro, com nomes exóticos e vozes sedutoras, mas não eram Desiree. Enroscado na cama, tentou aliviar-se imaginando a voz dela, mas não foi o suficiente. Então ali ficou, frustrado e suado, a pensar quando arranjaría coragem para ir ao seu encontro.

*Em breve*, pensou. Ela ficaria tão feliz quando o visse. Iria puxá-lo pela mão e despi-lo tal e qual costumava descrever. E deixá-lo tocar-lhe. Onde ele quisesse. Tinha de ser em breve.

Sob o ténue luar, levantou-se e regressou para junto do computador. Queria ver mais uma vez antes de ir dormir. O terminal surgiu com um suave zunido. Os seus dedos, delgados mas competentes, digitaram uma série de algarismos. Segundos depois, o endereço apareceu no monitor. O endereço de Desiree.

Em breve.